

LITERATURA INFANTIL COM FINS CATÁRTICOS E TERAPÊUTICOS

Adriana Levino GOUVEIA¹ (FEB /JK)

RESUMO: Esta comunicação objetiva socializar a experiência de orientação de trabalho de conclusão de curso em cursos de Pedagogia e Letras, com base na releitura aristotélica a respeito da *mimesis*, em que se destaca o trágico nas obras literárias infantis contemporâneas que exploram as temáticas da perda (morte, luto, envelhecimento, etc), separação conjugal, as necessidades especiais entre outras.

ABSTRACT: This communication objective socialize the experience of the work orientation conclusion the course in graduation of Pedagogy and Letters with base in the aristotelic's reread about *mimesis*, that ditache the tragic in children's contemporaries literary books that explore the thematics of the lost (death, mourning aging, etc), divorce, the special needs and others.

1. Introdução

A experiência que temos vivenciado, nos últimos três anos (2003-2006), no tocante à orientação de Trabalhos de Conclusão de Cursos nas áreas de Letras e Pedagogia em Instituições particulares de Ensino Superior no Distrito Federal, suscitou-nos o desejo e a vontade de contribuir, de modo mais significativo, com as pesquisas, com vistas à redescoberta do texto literário em uma outra perspectiva, por parte dos orientandos e dos sujeitos por eles pesquisados.

Desse modo, parte-se do pressuposto de que a leitura é capaz de promover o reajustamento do indivíduo e a elevação de sua auto-estima perante a resolução de conflitos. Assim, por intermédio de estudos realizados, infere-se que o texto literário atua como elemento desencadeador do processo catártico e terapêutico.

Para tal, buscou-se demonstrar o diálogo entre os processos mentais necessários ao redirecionamento de condutas e o teor imaginativo dos textos literários, ao se delinear o potencial que alguns textos possuem nos processos de cura mental e física, especialmente na temática da perda (morte, luto, envelhecimento, etc), separação conjugal, as necessidades especiais entre outras.

Selecionamos, para esta comunicação, aspectos sintetizados de nossas pesquisas, assim como fragmentos de duas pesquisas de orientandas, a seguir relacionadas.

2. Breve resgate conceitual:

Para uma melhor compreensão dos argumentos propostos neste ensaio, necessário se faz resgatar, de modo breve, a definição de alguns termos utilizados: **identificação, projeção, introjeção, humor, introspecção, catarse, imaginação.**

2.1.1. A identificação

Conforme Laplanche; Pontalis (1994, p.226) em o *Vocabulário de Psicanálise*, a identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”.

A teoria freudiana assinala a relevância do processo de identificação na definição da personalidade, porque as crianças se identificam desde cedo com os pais, com os animais e com as pessoas que admiram (FREUD,1969).

¹ levinoadri@yahoo.com.br

2.1.2. A projeção

Projetar é deslocar de si idéias, sentimentos, expectativas e intenções, transferindo-os aos outros, “no sentido propriamente dito, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que reconhece ou recusa nele” (LAPLANCHE; PONTALIS:1994, p.374).

2.1.3. A introjeção

Está diretamente relacionada ao processo de identificação, “constitui-se em um processo evidenciado pela investigação analítica: o sujeito faz passar, de um modo fantástico, de “fora” para “dentro”, objetos e qualidades inerentes a esses objetos” (LAPLANCHE; PONTALIS: op.cit, p. 248).

2.1.4. O humor

O procedimento de projeção está atrelado ao conceito psicoterápico de *humor*. O humor se configura como o triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer. O humor é, pois, a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. É a ação do superego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor. (FREUD:1969, p. 43)

2.1.5. A introspecção

Consiste no exame que se faz de si mesmo, é a experiência pessoal descrita em termos de elementos constituintes de seus próprios processos mentais de atitudes desprendidas. Precede à revisão de condutas.

2.1.6. A catarse

O termo *catarse* é utilizado em seu sentido amplo, com a finalidade de designar o efeito de pacificação, serenidade e alívio emocional. Aristóteles, inicialmente, utilizou-se do vocábulo para promover a exegese da tragédia e nomear o efeito desencadeado pela encenação de textos trágicos.

De acordo com o filósofo, o processo de dramatização da tragédia teria o poder de transformar o medo e a piedade do homem em prazer estético, visto que tais sentimentos, percebidos fora da ótica individual em um espetáculo artístico, perdem sua força nociva dando vazão ao que denominou de “alegria serena”, isto é, a purificação emocional e intelectual.

Massaud Moisés (1995, p.79) informa que a palavra *catarse* provém do grego káharsis, e significa purgação, purificação. Este termo tem dado margem a muitas interpretações, porque o texto aristotélico não esclarece nem desenvolve a passagem.

Por outro lado, antes de Aristóteles, o vocábulo era empregado numa acepção religiosa. Consistia na purificação ritual, espécie de batismo ou cerimônia de iniciação. Assim, infere-se que, à primeira vista, Aristóteles apenas transferiu para o universo estético o aspecto da purgação medicinal e religiosa, pois a catarse no texto trágico apresentava a finalidade de “depurar o fundo emocional da alma, mediante o prazer procurado pela expressão artística”, isto é, livrar-nos “do peso de uma realidade que se nos está tornando pesada”(REYES apud MOISÉS: 1995, p.79).

Dessa feita, as realidades pesadas poderão integrar “muitas ordens - fisiológica, passional... - todavia sempre ‘purgação’ ou ‘purificação’ conservará o sentido fundamental de libertar-nos do peso do que se nos está fazendo pesado” (BACCA apud MOISÉS:1995, p.79).

Pode-se resumir a gama de propostas acerca do vocábulo *catarse* em duas correntes principais: a) entender que a purgação constitui a experiência da piedade e terror que o espectador sofre diante da tragédia que contempla, de modo a “vivenciar” a situação infeliz do herói e aprender a distanciá-la de si; b) a julgar que a visualização do tormento alheio favorece à platéia o alívio das próprias tensões, ao menos enquanto durar o espetáculo.

Verifica-se que em um caso ou noutro o ser humano alarga os seus conhecimentos por intermédio da dor, relacionada à piedade e ao terror a idéia de catarse, assemelha-se à idéia da “sublimação freudiana”, à proporção que o impulso sexual, ou sua energia(libido), é canalizado para a Arte, de modo a tornar-se socialmente aceitável, o mecanismo da catarse equivale ao da sublimação. O aficionado da arte utilizaria o protagonista como o *alter ego* que recebe, por transferência ou projeção, os conflitos que lhe habitam o subconsciente.

Duas são as hipóteses: ou a projeção das angústias do observador na personagem “descarrega” suas tensões por meio das emoções com as quais se identifica, ou ao ver o herói padecer, o observador dá-se conta do drama que o aflige, toma consciência de que vive idêntica situação e liberta-se delas.

Há, ainda, a possibilidade de o observador não padecer do medo e da piedade. Neste caso, experimentaria na carne o possuí-los, aprenderia a expulsá-los e, ainda assim, sentiria o prazer de estar livre deles. De qualquer forma, ao fim da tragédia o espectador deverá ser invadido por uma profunda sensação de bem estar físico e moral, ao dar-se conta de que tudo se passou no mundo imaginário do dramaturgo.

Para os fins propostos neste ensaio, substituir-se-á o instrumento *teatro* pelos textos literários, partindo-se da premissa de que estes também transformam em fruição os sentimentos negativos e possuem a capacidade de comover, emocionar, convencer e influenciar os receptores.

A seguir, abordar-se-á o funcionamento da imaginação compreensiva, delineando sua influência na terapia pelo texto e na formação da “identidade dinâmica” do ser humano.

2.1.7. A imaginação compreensiva

O substantivo *imaginação* relaciona-se, na linguagem corrente, a alguma idéia que se acredita falsa, uma vez que a sociedade ocidental moderna privilegia a percepção sensorial. Todavia, a imaginação possui uma atribuição própria que consiste em fornecer o sentido amplo daquilo que se percebe, influenciando diretamente sobre esse sentido. Do ponto de vista literário, denomina-se imaginação compreensiva a que não se apóia em percepções.

Segundo Pouillon (1972, p.36-37):

A imaginação inventa um fictício em lugar do real que ela seria incapaz de alcançar e que, para não cair na pura fantasia, ela constrói esse fictício mais ou menos à maneira com que se deduz uma conclusão a partir das premissas. Tem como função fazer com que exista para nós aquilo que ela nos representa; é essencialmente visão. A imaginação não intervém para substituir uma experiência real por algo fictício, pelo contrário, a característica de quem possui imaginação psicológica é respeitar a complexidade, é poder de certa forma analisar sem dissolver.

A partir das considerações de Pouillon, pode-se constatar que a imaginação é a representação do real psicológico e seu uso pressupõe a referência constante à experiência interna do leitor/ouvinte. O conhecimento de si é o que fornece ao receptor o modelo para compreensão imaginativa, porque os sentimentos de outrem só podem ser reconhecidos se mantiverem um diálogo direto com os sentimentos experienciados pelo observador.

Durand (1988, p.65-66) declara que:

[...] é por meio da imaginação que preenchemos a lacuna entre uma revelação objetiva e o enraizamento dessa revelação no mais obscuro do indivíduo biológico. A linguagem metafórica oferece um “não-eu-meu” que permite às funções realmente humanizantes do homem funcionar totalmente, estar além da objetividade seca ou da subjetividade viscosa.

Nesta perspectiva é possível compreender a relevância do papel desempenhado pela imaginação compreensiva nos processos de introspecção e de interpretação textual. A literatura imaginativa revela-se um instrumento de grande valia para o ajustamento do indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos quanto em seus conflitos com os outros.

3. A literatura como recurso terapêutico

A pesquisadora Silveira (2005) em seu trabalho monográfico intitulado *A alquimia pelo texto literário: Tomada de consciência e catarse*, sob nossa orientação, cuja metodologia foi eminentemente bibliográfica, utilizou os conceitos supracitados ao estudar os benefícios do texto literário à luz da Biblioterapia. O vocábulo originou-se de dois termos gregos *biblion* – livro, e *therapeia* – tratamento, trata-se de uma terapia por meio dos livros e consiste no encontro entre ouvinte e leitor tendo o texto a função de terapeuta.

Conforme Silveira (2005, p.17) :

[...] a leitura implica a introspecção e a interpretação que permitem a atribuição de vários sentidos ao texto. Essa atitude mental lança mão dos mecanismos de identificação e projeção, provocando a liberação das emoções experienciadas, e pressupõem liberdade de escolha, pois o leitor rejeita e valoriza o que lhe convém. Muitas vezes, em uma atitude de contestação ao caminho já traçado, ele busca novos caminhos.

Esse processo de *releitura* conduz à reflexão e ao encontro da plurissignificação, iniciando-se o procedimento terapêutico que irá desencadear a tomada de consciência e o redirecionamento de um determinado comportamento. A linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo que, livre no pensamento e na ação, permite-se projetar no aparente irreal. O estado psíquico do leitor possibilita a análise do foco em uma outra dimensão que abarca o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e desfazer.

A capacidade de abstração associa-se à contemplação de múltiplas verdades e múltiplos caminhos, o que repercute na revisão de posturas e no alívio de tensões, purificando a psiquê e promovendo a catarse.

É a junção entre a explicação objetiva do texto e a compreensão subjetiva do leitor que permite a interpretação. E o leitor, ao interpretar, insere-se no contexto e compreende a si mesmo.

Silveira (2005) esclarece que Caroline Shrodes (1949) é uma das pioneiras nesta área, pois em 1943, já pesquisava a aplicação da literatura com fins terapêuticos. Em 1949, defendeu sua tese obtendo o título de Doutora em Filosofia e Educação na Universidade de Berkeley, Califórnia. Shrodes definiu a biblioterapia como um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.

Shrodes defende a utilização da literatura ficcional como a mais indicada para garantir uma experiência emocional do leitor, efetivando a terapia de introspecção, capaz de efetuar mudanças. Em sua obra *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*, foram elencados alguns dos conceitos e objetivos apresentados pelos principais estudiosos da biblioterapia, entre os quais podem-se destacar Alice Bryan, L.H. Tweffort, Louis Gottschalk.

Muitos são os objetivos apresentados pelos estudiosos acima mencionados a respeito da biblioterapia. Relacionamos alguns (apud Silveira, p.19-20):

- Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema;
- Auxiliar o leitor a verificar suas emoções em paralelo às emoções dos outros;
- Ajudar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais;
- Proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas;
- Encorajar o leitor/ouvinte a encarar sua situação de forma realista, conduzindo sua ação;
- Favorecer a diminuição do conflito pelo aumento da auto-estima, que ocorre quando o receptor percebe que seu problema já foi vivido por outros;
- Estimular a imaginação.

De conformidade com Silveira (2005, p.21) as leituras, seguidas do debate ou diálogo, são os fundamentos do método biblioterapêutico. A variedade interpretativa dos leitores/ouvintes em relação ao texto manifesta a pluralidade de ‘verdades’ e ‘visões’ de mundo. Desse modo, as diversas interpretações possibilitam a criação de novos sentidos, visto que os textos funcionam como instrumento que abre espaço para comentários e interpretações.

Cabe ressaltar que a biblioterapia tem sido utilizada amplamente no Brasil em hospitais, prisões, asilos, e no tratamento psicoterapêutico de crianças, jovens, adultos, portadores de necessidades especiais, doentes crônicos e dependentes químicos. E que existem muitos estudos de Pós – Graduação em nível de mestrado e doutorado que vêm constatar a eficácia da biblioterapia desenvolvidos nos anos 80-2001 pela Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Santa Catarina, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade da Região de Joinville.

À luz do referencial teórico apresentado, Silveira (2005, p.25) realizou em seu trabalho uma análise de três narrativas, cujos critérios obedeceram “à incidência das problemáticas abordadas no consciente e inconsciente dos homens que compõem a sociedade contemporânea”, segundo assinala.

Os textos selecionados tratam, de modo sutil e indireto, do medo da indiferença em uma sociedade que cria padrões estilísticos de inclusão; do medo do envelhecimento e a corrida desenfreada na busca de uma aparência eternamente jovial; e das formas de expressão do amor paterno quando as palavras se calam, e a contextualização da crise relacionada ao papel masculino na sociedade moderna. São, respectivamente,

Como nasceu a alegria, de Rubem Alves; *Um guarda-chuva no parque*, de Sylvia Orthof e *O homem que amava caixas*, de Stephen Michael King. Neste ensaio abordaremos somente os dois primeiros.

A narrativa de Rubem Alves, *Como nasceu a alegria* relata como era a Terra há muitos anos. Compara-a um jardim maravilhoso, cujas flores eram todas lindas e vaidosas. A competição entre as flores era constante quanto à beleza de cada uma. Todavia tal ambiente belo e infeliz fora abalado, visto que uma “florinha”, ao nascer, cortara uma de suas pétalas num espinho. A princípio a “florinha” nem ligou e vivia muito feliz. No entanto, com o passar do tempo, começara a perceber que as outras flores a olhavam “com olhos espantados”. E a partir desse momento, notara que era diferente.

Transcrevemos, a seguir, alguns fragmentos da análise crítica realizada por Silveira (op.cit.,p.27- 28):

O escritor Rubem Alves em *Como nasceu a alegria* aborda “a dor da diferença”. Contudo, ao se efetuar uma análise cuidadosa dos símbolos presentes no texto e da trajetória da personagem, percebe-se algo além da dor ocasionada pela diferenciação estética; o autor aponta a crueldade que pode estar contida no olhar daqueles que se julgam enquadrados dentro do padrão de ‘normalidade’.

[...] A “florinha” não chora ao perceber que possui a pétala rasgada, mas porque percebe a diferença nos olhos das outras flores. Surge a questão: por meio dos olhos, ou espelhos de significações, quantas “florinhas” os homens não fazem chorar vida afora? Talvez a que possui alguma diferenciação física ou limitação intelectual, talvez aquela de cor de pele diferente, ou ainda, que possui uma opção sexual diversa ou uma condição social e/ou econômica inferior.

Como nasceu a alegria oferece ao leitor/ouvinte um caminho para o redirecionamento do olhar(...), os olhos são capazes de reter sentimentos, deixar fluir emoções e transportar o indivíduo para um mundo em que a profundidade das imagens está ligada à sensibilidade.

A análise prossegue. Transcrevemos abaixo os comentários finais acerca da narrativa:

A história de Rubem Alves fornece símbolos que permitem falar sobre os medos e anseios humanos. E é sempre mais fácil falar da realidade fazendo de conta que se está falando da ficção: a “florinha” da pétala rachada, ao ser vista com estranheza e compaixão, experimenta o gosto da autopiedade e chora. Em seu pranto, faz chorar a todos, e do pranto de todos nascem a chuva, os rios e os mares.

Como nasceu a alegria sugere um caminho que o leitor/ouvinte pode seguir para enfrentar as diferenças e redirecionar o seu olhar. O primeiro passo para atingir esse objetivo é não crer na superioridade – intelectual ou física – de uns em relação a outros, pois, todos os homens são flores que compõem um mesmo jardim. Não se deve pensar na diversidade como algo que priva, que exclui, que limita, mas, simplesmente entender que a beleza advém daquilo que difere e não do que iguala. Dessa perspectiva nasce o amor fraterno, e dele o olhar que acaricia, acolhe e inclui. (SILVEIRA:2005, p.29)

A segunda narrativa selecionada para análise por Silveira (2005) foi *Um guarda-chuva no parque*, de Sylvia Orthof, que trata da questão do envelhecimento. Orthof manipula com maestria o discurso em terceira e primeira pessoas, numa abordagem que contribui para velar e desvelar os fluxos de consciência de Perpétua, a protagonista, que gira o seu guarda-chuva vermelho no parque de diversões e volta a ser Linda, a menina loura, por alguns instantes.

Silveira (op.cit.,p.34) analisa a questão do envelhecimento que se contrapõe à visão contemporânea e efêmera da beleza física ao mencionar os parâmetros atuais de que a beleza “pertence” à juventude, e à velhice pressupõe a feiúra. Logo, cabelos brancos, rugas e flacidez são verdadeiras ameaças de supressão. Dessa forma, o medo alimenta as indústrias bilionárias de cosméticos *anti-age*, cirurgias corretivas e toxinas botulínicas. Leiam-se os fragmentos de Silveira com outra perspectiva:

Diante dessa ameaça de exclusão, é perfeitamente compreensível que Perpétua delire ao imaginar seus cachos loiros e refute, terminantemente, a velha magra em que se transformou. (...) A personagem protagoniza um triste relato de apego à juventude. Com seu guarda-chuva vermelho, tenta controlar o tempo que se faz presente no giro da rodagigante. Ao parar de rodar o guarda-chuva, perde-se do tempo passado e desemboca na noite de seus medos, repletos de caveiras requebrantes que assustam no trem fantasma. Porém, se, ao contrário de Perpétua, a beleza for compreendida pelo contexto vivido, os temores serão exorcizados por meio do entendimento. Paralelamente aos traços da passagem do tempo, o corpo também representa e significa. Cada linha vincada no rosto, cada fio de cabelo branco, contém uma história repleta de alegrias e tristezas. A imagem

que degenera também constrói um passado de glória e narra a trajetória do homem que venceu as agruras e banhou-se nas dádivas que compõem a existência.

Os fragmentos acima constatam que a beleza provém da harmonia. A desarmonia não surge com a perda do corpo jovem, visto que velhice e juventude constituem o equilíbrio de dois pólos contrastantes que se complementam e asseguram a perpetuação dos diferentes estágios vitais.

Em consonância a este estudo, mencionaremos a seguir outra pesquisa que investigou a temática da morte, uma vez que tal tema tornou-se um interdito no século XX, banido da comunicação entre as pessoas. Um assunto que na maioria das vezes amedronta e que não é abordado em casa e nem na escola, pois é algo sempre delicado para adultos, jovens, crianças, pais e educadores. Sendo um fato inevitável, em algum momento de nossa existência, tomamos contato com a morte, visto que tal situação é inerente a todos.

É um tema pouco explorado, como se as pessoas o temessem, como se a morte não fizesse parte da vida. Andréia Borges de Sousa realizou um estudo sobre a temática em questão, cujo título: *Perdas na escola - O professor educa para a vida ao trabalhar a temática da morte em sala de aula por meio da literatura infantil*.

Cabe ressaltar que a autora optou pelo tema devido a uma inquietação pessoal, uma vez que desde a infância a “sombra” da morte passou a fazer parte de sua existência, suscitando-lhe medo, angústia e revolta. Sua mãe falece quando contava 7 anos e, em seguida, algumas pessoas bem próximas a quem a pesquisadora nutria afeição também faleceram. Sousa optou por utilizar metodologia bibliográfica e qualitativa na qual realizou pesquisa de campo em uma instituição de ensino fundamental da rede pública da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na cidade satélite de Taguatinga, com 5 professores e 10 alunos.

A pesquisa analisa a relação da criança com a morte e o desenvolvimento desse conceito de acordo com a idade cronológica, bem como o processo de luto experienciado pelo infante e o papel da escola diante dos alunos enlutados. Ressalta a necessidade de a escola investir na capacitação dos docentes, a fim de que os mesmos possam preparar as crianças para lidarem com as perdas. Há um capítulo dedicado à aplicabilidade da literatura infantil na temática da morte em que foram analisadas diversas obras da literatura contemporânea e uma da literatura universal, com vistas à função catártica e terapêutica.

Sousa (2006) menciona que o sentido da morte e do morrer, com o passar dos séculos foi sendo alterado. O que antigamente era aceito, esperado e compreendido, hoje é negado, não esperado e incompreensível. A esse respeito, Aries (2003, p.169) destaca que:

Nas culturas primitivas, (...) havia sentimentos de aceitação, o que transformava o evento morte num processo universal de vida, tanto que dos rituais participavam a família e a comunidade, quando, então, os parentes e amigos permaneciam ao lado do moribundo, transformando aquela experiência individual num acontecimento tribal coletivo.

Aries (2003) informa que durante a nossa história humana, nem sempre o comportamento que se identifica hoje no homem ocidental se apresentou dessa forma. Este autor, por mais de quinze anos pesquisou o comportamento ocidental e suas atitudes diante da morte, destacando que o terror a ela seria a mãe de todas as angústias e ao mesmo tempo a mola mestra da atividade humana. Todavia, o medo da morte é algo cultural e que não nascemos com ele. Esclarece ainda que a caminho do século XX, a imagem da morte passa a ser percebida com outra nuance. Ela não é vista nem como horrível, nem como agradável. Deve passar simplesmente despercebida, que nada mais anuncie sua presença.

Do início do século XX até a atualidade, a morte começou a fazer parte do cotidiano. Contemporaneamente, alguns autores têm estado sensíveis a esse temática. Em decorrência, surgiu a Tanatologia, que vem do grego *tánatos*, que significa morte; corresponde ao estudo da ciência ainda recente, que estuda os processos emocionais e psicológicos que envolvem os processos emocionais e psicológicos que envolvem as reações à perda, o luto e a morte.

De acordo com Wilma Torres (1999), criadora do programa pioneiro de estudos e pesquisa em Tanatologia, existe também o conceito de que a Tanatologia é a ciência que estuda a vida por meio da ótica da morte. Esta ciência não ficou restrita ao campo da morte explícita. Com os conhecimentos obtidos no relacionamento com as pessoas diante da morte, aprendeu a trabalhar mais objetivamente com as demais perdas que afligem o ser humano: perdas de relacionamento por uma separação, um divórcio, de cargos e títulos, e a perspectiva de uma perda futura, de algum ente querido, visto que tais perdas trazem grande sofrimento às pessoas. Assim, tal ciência expandiu-se e possui um alcance maior. Busca dar pistas e caminhos para que as pessoas aprendam a viver bem, a ter uma melhor qualidade de vida.

Sousa (2006, p.32) afirma que “muitas vezes não falamos de morte com as crianças sobre a alegação de que as mesmas não têm capacidade de compreender o que é a morte e o que a mesma representa.” Nesse sentido, Bromberg (1994) declara que é necessária a mudança do construto mental e emocional da morte como algo distante, porque ela é real, viva, visível. Esse autor defende que o assunto morte deve ser trabalhado de forma aberta com as crianças, a fim de que elas recebam explicações adequadas sobre o tema; está presente o tempo todo na vida das pessoas, seja de forma concreta (física) ou simbólica.

Em consonância com o pensamento de Bromberg, a estudiosa Torres (1994) reforça as investigações de Sousa(2006) ao declarar que devemos explorar e tentar responder as perguntas das crianças sobre a morte, pois agindo assim, serão evitados medos mágicos e não explicitados que costumam atuar em sua imaginação, quando não possuem respostas às indagações feitas .Destaca que para a abordagem deste tema, é preciso que se respeite a idade e o nível cognitivo, tanto quanto possível, não somente a capacidade emocional da criança como também a sua capacidade intelectual.

Depois da família, a criança passa a maior parte do tempo na escola, lugar onde compartilha diversos momentos da vida. Portanto, a escola deveria estar preparada para acompanhar e assistir os educandos diante da delicada situação da morte. Antes de ir a campo, Sousa (2006) analisou distintas obras da literatura infantil contemporânea e uma da literatura universal, cujo capítulo fora intitulado: A aplicabilidade do tema morte na literatura infantil.

Relacionamos, a seguir, as narrativas acompanhadas de sucinto comentário adaptado de Sousa (2006):

Menina Nina: duas razões para não chorar,de Ziraldo (2002)

É uma narrativa triste, todavia comovente e esperançosa, pois deixa nas páginas finais dupla possibilidade ou duas razões para não chorar a protagonista não chorar: a de que a avó está “dormindo” para sempre e a de que possa despertar num outro mundo feito de luz e de estrelas.Com delicadeza, Ziraldo procura informar as crianças de que, por mais difícil que seja encarar a morte de uma pessoa querida, a vida continua.

Eu vi mamãe nascer,de Luiz Fernando Emediato (2001)

De modo realista e poética, delicada e sensível,o autor relata a história de uma criança que acabara de perder a mãe. Procura auxiliar a criança a elaborar seu processo de luto.

Tempos de vida,de Bryan Mellonie (2002)

Uma obra que auxilia na compreensão da morte como parte do ciclo natural. Trata de todas as fases da vida: nascimento, crescimento, maturidade, envelhecimento e morte. Aborda os diferentes reinos com poeticidade, leveza, destacando que pode ser rápido ou muito longo, mas todos têm seu tempo de vida. Esta obra foi traduzida por José Paulo Paes.

A montanha encantada dos gansos selvagens, de Rubem Alves (1987)

Explora metaforicamente o diálogo de Cheiro-de-Jasmim com seu pai- ambos gansos selvagens- a respeito da montanha mágica, onde a vida é bela.Porém a ela só têm acesso os mais velhos, porque são mais leves e por não terem mais tantos medos.

Quando alguém especial morre, de Marge Heegerad (1998)

Com finalidade didática, a obra foi planejada para trabalhar os conceitos básicos de morte, assim como auxiliar as crianças a entender e expressar os muitos sentimentos que experienciam quando alguém especial morre. A interação ocorre no instante em que as crianças ilustram o livro com sua história pessoal. Para tanto, propõe-se que a criança desenhe a partir de sentenças expostas, a exemplo: Nesse momento, sinto vontade de...

Morte, o que está acontecendo, de Karen Mole (1997)

Trata das principais dúvidas da criança a respeito da morte e oferece elementos para se lidar com os sentimentos de dor, medo e solidão causados por ela.

O dia em que o passarinho não cantou mais ,de Luciana Mazorra

A partir da morte de um bichinho de estimação, que é uma perda significativa para uma criança, a autora busca explicar a questão da morte. Narra o cotidiano de uma garotinha chamada Cacá e de seu amigo especial; o passarinho. Enfatiza, de modo sutil, que pessoas e animais, bons ou maus, todos morrem um dia e que ao se perder alguém não é preciso esconder o sentimento de dor e sim, compartilhar as tristezas com alguém.

A pequena vendedora de fósforos, de Hans C. Andersen

Narra a história de uma menina que vendia fósforos. Certo dia, a pequena não conseguira vender um fósforo sequer. Com medo de voltar para casa e deparar-se com a ira do pai, decide dormir na rua. A madrugada é gélida e congela seu corpo frágil. De maneira delicada, Andersen explora entre outros temas o trabalho infantil que conduz à morte.

Apresentadas as obras literárias, passa-se à transcrição de fragmentos da análise de dados, colhidos por intermédio de entrevista com os professores. Esclarece-se que os nomes dos entrevistados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos mesmos.

Para mim a morte é um rito de passagem, já trabalhei esse tema algumas vezes, mas são raros os momentos em que converso sobre a morte, sinto preparada para falar de morte com os meus alunos porque não temo. Acredito na importância de abordar esse tema em sala de aula pelo fato de sempre ser importante valorizarmos a vida. É um tema polêmico, amplo e, com certeza, é importante abordá-lo. Já li alguns livros de Zíbia Gasparetto.

(Fernanda – 27 anos)

A morte é um processo merecido para aqueles que trabalham honestamente. Não trabalho o tema morte em sala de aula, não me sinto preparado para falar da morte em sala e não vejo a importância de abordar esse assunto. Conheço os poemas de Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos e Cecília Meireles – para adultos. (João – 50 anos)

Morte é passagem desta vida para outra. Trabalhei esse tema mas de maneira muito informal na rodinha, por exemplo, e somente quando surgiu o tema em sala de aula. Me sinto preparada para falar de morte com meus alunos e com certeza,, acho importante a abordagem desse tema porque muitas vezes temos alunos emocionalmente tristes em sala por motivo de perdas. (Karina – 28 anos)

[...] Não acho importante falar de morte em sala de aula, mas se algum aluno argumentar, irei explicar de forma que não venha entristecê-lo. [...] Nunca me interessei me aprofundar neste assunto, por isso não conheço nenhum livro. (Maria – 43 anos)

Todo indivíduo passará por ela, pelo contrário de muitas pessoas não tenho medo, pois vou me encontrar com o Pai. Faz muito tempo que não trabalho sobre esse tema, mas já trabalhei através de historinha com meus alunos e procuro passar de forma tranqüila. O tema poderia ser incluso nas disciplinas como tema transversal. Conheço somente uma história para criança que fala da morte mas não sei o nome dela e nem o autor nesse momento. (Luciana – 29 anos)

A partir de tais depoimentos, Sousa (2006) concluiu que apesar de alguns entrevistados afirmarem estar preparados, verifica-se que há grande necessidade de leituras, estudos e aprofundamento sobre o assunto, para que possam compartilhar essa experiência com os alunos, porque a morte envolve questões polêmicas: sentimentos, costumes, religiões, crenças, culturas numa visão peculiar. Assim, é válida a afirmativa de Freire (1982, p.48): “Educar-se para a morte e o morrer, requer um espírito de estudo, não apenas como simples leitura, mas assunção de uma atitude séria e curiosa diante do problema, requer conscientização dos sentimentos que envolve educar-se.” Dessa feita, urge que as instituições de ensino ofereçam capacitação aos profissionais da área com a finalidade de instrumentalizar a equipe, com vistas a um atendimento adequado ao corpo discente diante de temática delicada e que ainda revela-se como interdito cultural.

Abaixo seguem os depoimentos extraídos na conversa informal realizada por Sousa junto a crianças da educação infantil ao ensino fundamental (séries iniciais) acerca da temática em análise, na mesma instituição de ensino em que atuam os professores entrevistados. Cabe informar que a conversa foi precedida da leitura expressiva da obra :*O dia em que o passarinho não cantou mais*,de Luciana Mazorra. E que os nomes conforme menção anterior, também são fictícios.

Não é só os passarinhos que morre; as pessoas também morre e vão para o céu, mais tem aquelas que viram sombra e bruxa Keka. (Tatiana – 5 anos)

Quando a gente morre, aí enterra a gente num monte de areia, dentro de um caixão branco igual a meu irmãozinho e vai para bem longe no céu. (Lucas – 5 anos)

Todo mundo um dia vai morrer, crianças, adultos, animais, pais; eu sei disso porque meu pai morreu com um monte de tiros quando eu tinha 8 anos. E ele não voltou mais, então é para sempre, ele foi para o céu morar com Deus. (Gabriel – 9 anos)

Quando a gente ficar velho vai morrer de qualquer jeito, e vai ser enterrado e não voltará mais. (Lara – 6 anos)

Eu assisti o filme do rei leão e o pai dele morreu. Então só os pais dos animais que morrem, pra nascer outros pais. (Patrícia – 5 anos)

Ante o exposto, nota-se que apesar de somente duas crianças terem vivido mais de perto uma situação de morte, a maioria delas já teve um contato com o tema, principalmente por meio de programas televisivos. Todas justificaram que o morto vai para o céu, para o cemitério ou para ambos.

4. Considerações finais

O uso do texto literário como recurso terapêutico constitui-se uma atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida por profissionais da área de Letras, Educação, Biblioteconomia, Enfermagem, Psicologia, Medicina entre outras. Crê-se que tal peculiaridade, além de constituir-se oportunidade de apoio e pesquisa em diversos campos, ao favorecer o surgimento de contribuições e parcerias em distintas áreas no tocante ao processo dinâmico de investigação.

O processo terapêutico que se baseia na leitura imaginativa compreende quatro etapas básicas: a identificação com uma ou mais personagens; a projeção de vivência ou sentimentos – que ocorre quando o leitor discerne a ligação da personagem com o seu caso -; a introspecção – desencadeada no momento em que o leitor toma consciência e redireciona suas emoções – e a catarse – que é a resposta emocional.

Nos casos em que os leitores/contadores optam pela discussão em grupo, são favorecidos outros aspectos como a interação e a desinibição, por intermédio do incentivo à livre expressão dos sentimentos: receios, angústias, anseios. Assim, ao compartilhar com o semelhantes os seus problemas, o leitor não se sente mais solitário, construindo uma teia de valores e experiências.

Em uma terapia individual ou coletiva, o importante é que o texto literário seja o instrumento essencial ao processo de cura que engloba corpo e mente. O resgate do imaginário, do lúdico e da fantasia fornece o suporte emocional aos que se lançam no universo ficcional em busca de soluções para dores reais.

Almeja-se que este estudo possa despertar os estudiosos de diferentes áreas, mas, sobretudo aos educadores, para o fato de que a terapia pelo texto literário tem se revelado interessante recurso didático-psicanalítico passível de aplicação, à proporção que aponta ao leitor/ouvinte a senda do autoconhecimento e do engrandecimento pessoal, rumo a uma qualidade de vida mais harmônica e feliz.

5. Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *A montanha encantada dos gansos selvagens*. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *Como nasceu a alegria*. São Paulo:Paulus, 1987.

ANDERSEN, Hans Christian. *A pequena vendedora de fósforos*. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIES, Philippe. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Trad. de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BROMBERG, Maria Helena. *A psicoterapia em situações de perda e luto*. São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Trad. de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1988.

EMEDIATO, Luiz Fernando. *Eu vi mamãe nascer*. 7 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e suas relações com o inconsciente*. Trad. de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

- HEEGERAD, Marge. *Quando alguém muito especial morre: as crianças aprendem a lidar com as tristezas*. Trad. de Maria Adriana Veríssimo Verones. Porto Alegre: Artemed, 1998.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. Trad. de Pedro Tamen. São Paulo: M. Fontes, 1994.
- MAZORRA, Luciana; TINOAL, Valéria. *O dia em que o passarinho não cantou mais*. São Paulo: Livro Pleno, 2003.
- MELLONIE, Bryan; INGPEN, Robert. *Tempo de vida: uma bela maneira de explicar a vida e a morte às crianças*. 5 ed. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Global, 2002.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MOLE, Kate. *O que está acontecendo*. Trad. de Rosicler Martin Rodrigues. São Paulo: Moderna, 1997.
- ORTHOF, Sylvia. *Papos de anjo*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Trad. de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, EdUSP.
- SHRODES, Caroline. *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*. 1949. 344f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of Califórnia, Berkeley.
- SILVEIRA, Lúcia Helena dos Santos. *A alquimia pelo texto literário: Tomada de consciência e catarse*. 2005. 40 f. Monografia. Faculdade Michelangelo, Brasília – Distrito Federal.
- SOUSA, Andréia Borges. *Perdas na escola- O professor educa para a vida ao trabalhar a temática da morte em sala de aula por meio da literatura infantil*. 2006. 70 f. Monografia. Faculdades JK – Distrito Federal.
- TORRES, Wilma Costa. *A criança diante da morte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- PINTO, Ziraldo Alves. *Menina Nina: duas razões para não chorar*. São Paulo: